

A Batalha de Krusk

*Almir dos Santos**

Trata-se de uma apreciação sucinta da batalha que realmente representou, como ressalta o autor, o fim da Alemanha Nazista.

A Segunda Guerra Mundial começou em 1º de setembro de 1939 e, até o final de dezembro de 1942, a Alemanha só fez colecionar vitórias. Derrotou a Polônia, expulsou os ingleses do continente europeu, ocupou a Noruega, a Bélgica e a Holanda, derrotou a França, e só não tomou Moscou porque Hitler mandou parar a ofensiva, quando o Exército alemão já estava a 400km da cidade. Quando recomeçou o ataque não deu mais tempo: um inverno rigoroso parou a máquina de guerra alemã.

A primeira grande derrota alemã só aconteceu em janeiro de 1943, na cidade de Stalingrado. Os alemães perderam, nessa cidade, o VI Exército, do General Paulus: 250 mil homens, 750 aviões,

1,5 mil tanques e 7 mil canhões. A batalha de Stalingrado foi também a primeira vitória do Exército soviético, por isso mesmo superdimensionada pelos historiadores russos, todos pertencentes ao partido comunista, que tinham muito mais compromissos com o partido do que com a verdade.

Seu efeito foi muito mais simbólico do que real, embora, de maneira alguma, ela represente o início da derrota nazista. A prova disso foi que, logo depois à rendição do General Paulus, a *Wehrmacht* mostrou que ainda possuía uma apavorante máquina de guerra. Entretanto, essa batalha teve conseqüências que não podem ser esquecidas. Vale lembrar o imenso efeito psicológico que teve no sofrido povo russo, elevando o

moral de todos: povo e exército à comprovação de que os alemães não eram invencíveis e podiam ser derrotados. Além disso, no lado alemão, formou-se o sentimento que Hitler abandonara suas tropas à própria sorte e que começava a mostrar sinais de insanidade, e, ainda entre os alemães, caiu por terra a convicção de muitos militares, inclusive do Marechal Keitel, Chefe do EMFA, de que Hitler era o maior general de todos os tempos (Gröfaz).

Em novembro de 1942, dois meses antes da queda de Stalingrado, os generais alemães já temiam uma grande tragédia naquela cidade em escombros. Esse foi o motivo de o Marechal Erich von Manstein, juntamente com o Chefe do Estado-Maior do Exército, General Zeitzler, terem escrito um

* Professor da Escola Naval.

memorando ao ditador nazista sugerindo a criação do posto de Comandante Supremo do Leste. Na realidade o que eles queriam era eliminar as ingerências de Hitler nas decisões estratégicas e nas ordens operacionais. Essa intromissão estava sendo a razão pela qual o VI Exército ainda permanecia dentro de Stalingrado. Mas, o encontro de Manstein com o *Fuehrer* foi um fracasso total. Como político experiente e desconfiado que Manstein sonhava em ser o comandante supremo de toda Frente Oriental o ditador respondeu: *nem eu mesmo consigo que os marechais me obedçam? O senhor imagina que eles lhe obedeceriam mais prontamente? Eu ainda posso demiti-los, e o senhor? Ninguém mais tem autoridade para isso.* Manstein e Zeitzler mostraram a Hitler que, se os russos derrotassem os alemães em Stalingrado e avançassem para Rostov, eles poderiam isolar, no Cáucaso, os 400 mil alemães pertencentes aos I e XVII Exércitos, o que seria uma tragédia total, pois a Alemanha perderia três exércitos e, conseqüentemente, a guerra. Apesar do desespero de Manstein e Zeitzler, o dita-

dor, não demonstrou a menor preocupação. Disse apenas que, quando a neve baixasse, o VI Exército alemão do General Paulus dizimaria os russos em Stalingrado. Sem permitir a retirada, as baixas alemãs dentro de Stalingrado iam assumindo índices alarmantes. Os órgãos máximos da guerra, o EME e o EMFA, desesperados com a situação, em memorandos sucessivos, sugeriam a Hitler que permitisse a retirada do VI Exército de dentro da cidade. Mas o ditador estava irredutível.

No começo de dezembro, porém, a situação começou a se complicar ainda mais para a Alemanha. O Exército Vermelho fechara o cerco em Stalingrado prendendo todo VI Exército dentro da cidade, e o General Zhukov tinha ordenado que os exércitos russos do Cáucaso atacassem os alemães que se dirigiam para as regiões petrolíferas. O Alto Comando da *Wehrmacht* ficou surpreso com a quantidade de armas que os russos ainda possuíam no Cáucaso. A situação tomou-se desesperada. Manstein, então, retornou a Hitler e informou que o VI Exército estava irremediavelmente perdido, por

isso implorava para que o General Kleist, que comandava os exércitos alemães no Cáucaso, recebesse permissão de recuar para a península de Kuban, de onde poderia fugir para a Criméia. Hitler reagiu furioso, alegando que precisava daquele petróleo, garantiu que o VI Exército venceria a batalha, pois receberia suprimentos de avião, e ainda ordenou que Kleist contra-atacasse imediatamente.

Nesse período de incerteza para os alemães, devido à queda de braço entre Hitler e seus generais, o General Paulus se rendeu em Stalingrado. Imediatamente o *Stavka*, (uma espécie de comando político da guerra na URSS) propôs um ataque em cinco frentes no sul da Rússia. O General Zhukov, o estrategista de Stalingrado, se posicionou contra, mostrando que não podiam repetir o mesmo erro da primavera de 1942, quando uma ofensiva em várias frentes terminara em tragédia. A ofensiva devia se concentrar em uma ou duas frentes no máximo, tentando prender os alemães no Cáucaso. Mas os russos adoravam grandes ofensivas. Stalin apoiou o *Stavka* e o ataque começou.

Com a neve extremamente alta, a máquina de guerra nazista perdia seu poder de ataque; com isso o Exército Vermelho começou a colecionar vitórias aparentes. Os alemães recuaram e cidades importantes, como: Stavropol, Kotelnikov, Karkov, Kursk e Rostov, foram recuperadas. Com isso os alemães ficaram presos no Cáucaso.

Em todo Exército alemão a revolta tornou-se muito grande. Um grupo de jovens oficiais, liderados pelo Coronel von Treschow, resolveu agir por conta própria. Com a aprovação do general Beck, antigo chefe do EME e com o conhecimento do General Oster, do serviço de informações e contra-informações, uma bomba foi colocada no avião do ditador quando ele visitou Smolensk, em março de 1943. Mas, infelizmente, a bomba não explodiu.

O Marechal Manstein, que não tomara conhecimento do atentado, percebeu, no começo de março de 1943, que a fúria soviética começava a perder intensidade. Como o General Zhukov tinha alertado aos burocratas de Moscou, os suprimentos começavam a chegar ao fim. De repente,

a frente do Exército Vermelho parou por falta de tudo. Aproveitando-se da neve mais baixa, com os blindados já com sessenta por cento de sua mobilidade, Manstein ordenou o contra-ataque. O mundo pôde então ver que os alemães ainda possuíam uma descomunal máquina de guerra. Na primeira batalha, depois da derrota surpreendente em Stalingrado, o Exército alemão, de maneira esmagadora, destruiu o I Exército de Guardas soviético, de 400 mil homens, retomando a cidades de Karkov, Belgorod e a importantíssima Rostov. A partir daí, em todas as frentes os russos passaram a ser dizimados. Foi um massacre.

Para aproveitar a situação, Manstein, propôs atacar Kursk e eliminar o perigo que os russos ali localizados representavam para os flancos dos exércitos alemães do Centro e do Sul. O Marechal Kluge, Comandante do Grupo de Exércitos do Centro, sugeriu cautela, uma vez que, com o gelo derretido, havia muita lama. Ficou então acertado que assim que as estradas secassem, começaria o grande ataque.

Quando o EME informou a Hitler os planos de

Manstein, ele ordenou que a ofensiva deveria esperar os novos tanques: o panzer V (o *Pantera*) e o panzer VI (o *Tigre*), que entrariam em operação em maio. Discordando totalmente do adiamento, Manstein, viajou para o quartel-general de *Fuehrer* na Prússia Oriental e tentou convencer o ditador que a ofensiva tinha de ser naquele momento pois, com a derrota alemã no norte da África, ela poderia coincidir com a invasão anglo-americana, que inevitavelmente ocorreria no continente europeu. O outro argumento de Manstein era que não se podia dar aos russos tempo de recompor suas perdas. Hitler permaneceu irredutível. Sobre o encontro, o General Guderian, criador das divisões blindadas escreveu: *Manstein, como sempre acontece nos seus encontros com Hitler, não consegue dizer o que pensa.*

Stalin foi informado dos planos alemães por dois diferentes serviços de espionagem: o *Lucy*, que operava nos territórios ocupados pelos nazistas, e pelo *Ultra* dos britânicos. Imediatamente mandou chamar Zhukov, que estava no norte da União Soviética tenta-

do levantar o cerco a Lenigrado. O marechal, após estudar a situação, foi contra a idéia do *Stavka* que queria executar, imediatamente, um ataque preventivo. Ele preferia criar um poderoso sistema defensivo para desgastar os alemães e depois sim, contra-atacar. Apesar de não suportar a idéia de ficar na defensiva, Stalin, dessa vez, preferiu o plano de Zhukov.

Na sua nova estratégia, pela primeira vez, o número de regimentos de artilharia ultrapassavam os de infantaria. Ao longo da estrada de ferro Orel-Kursk, com 100 km, ele posicionou 148 canhões em cada 1,5km. Nas proximidades de Kursk, colocou: 9 mil peças de artilharia e 6 mil canhões anti-tanques.

Enquanto os russos preparavam esse poderoso sistema defensivo, Hitler mandava adiar o ataque de maio para junho e depois para julho, dando aos russos exatamente o tempo que precisavam.

A 5 de julho de 1943, o II, o IV e o IX Exércitos alemães, num total de 700 mil homens, partiram para o ataque. Começava a batalha de Kursk. Inicia-se também um horripilante banho de

sangue. Ambos os lados perderam mais de cinquenta por cento dos combatentes iniciais, perfazendo um total de 800 mil baixas.

Com uma produção de 2 mil tanques por mês, os russos já possuíam muito mais blindados do que os alemães, cuja a produção não chegava a 500. Não se tem um valor exato do número de blindados que participaram da batalha, mas de uma coisa não há menor dúvida: foi a maior batalha de tanques de todos os tempos. Foi o confronto de quatro novos modelos, os *Panteras* e os *Tigres*, alemães, contra: os T-34 (com novos canhões e nova blindagem) e KV-85, russos.

Quando os três exércitos alemães iniciaram o seu avanço, puderam constatar que as defesas soviéticas eram muito mais consistentes do que supunham. Apesar dos bombardeios constantes da *Luftwaffe*, o fogo da artilharia soviética não diminuía e produzia grandes perdas nos blindados e muitas baixas na infantaria. Depois de uma semana, os alemães, chegaram à conclusão que as reservas soviéticas eram inexauríveis. No confronto direto entre os blindados, os russos levavam

sempre a vantagem em número de unidades, de 4 para 1. O EME também constatou que os alemães estavam perdendo 350 tanques e tendo 10 mil mortos, por dia. Outra constatação foi que os tanques *Panteras* possuíam pouca mobilidade e que os *Tigres*, apesar de ser bem melhores do que os blindados russos, estavam sendo mal-utilizados, uma vez que seus operadores não tinham tido tempo suficiente de treinamento.

A 13 de julho, os aliados invadiram a Sicília e os italianos se recusaram a lutar contra eles. Ao informar isso aos generais da frente russa, Hitler já mostrava sinais de desânimo. No dia 16, os soviéticos iniciaram um poderoso contra-ataque em três frentes sob comando dos Generais Sokolovsky, Popov e Rokossovsky. A situação tornou-se desesperadora para os alemães. Com a artilharia soviética destruindo divisões inteiras de blindados e ainda produzindo um verdadeiro extermínio na infantaria, Hitler, deprimido e pressionado, tanto pelo EMFA como pelo EME, não teve outra alternativa senão ordenar a retirada e reconhecer que perdera a batalha. Com essa retirada os russos

reconquistaram Belgorod, Prokhorovka e Karkov.

No começo de setembro, a *Wehrmacht* chegou a uma terrível constatação: na frente de luta, os alemães estavam apenas com 2.300 tanques e os russos ainda possuíam 8.000. As estatísticas ainda indicavam as perdas de 28 divisões e a morte de 350 mil homens.

Completamente arrasado, Hitler permitiu ao Marechal Kluge que abandonasse Smolensk, Bryansk, Roslavi e Orel, conquistadas espetacularmente em 1941. Em setembro o Exército Vermelho reconquistava Rostov fechando a única saída do Cáucaso. Em outubro, Hitler concordou que o General Kleist se retirasse para a Criméia pela península de Kuban através do mar, exatamente como os ingleses em Dunquerque, abandonando de vez a idéia de conquistar o petróleo russo.

A retirada de Kuban foi uma obra de arte de organização tática. O General Kleist salvou todo o seu exército. A única coisa que deixou para os russos foi alguns poucos quilos de ração para cavalo.

A partir de Kursk, a Rússia assumiu a ofensiva da guerra só parando em Ber-

lim, em maio de 1945. Dessa forma, a batalha de Kursk e não a de Stalingrado, representa, realmente, o início do fim da Alemanha nazista.

Kursk foi a maior vitória do Exército russo em todos os tempos. O mundo

***Depois de Kursk,
Stalin passou a ter,
no mundo, o mesmo
prestígio e respeito
de Roosevelt e
Churchill.***

inteiro teve de reconhecer que foi um feito notável do Exército Vermelho. O próprio Stalin, sempre tão cauteloso nos elogios, por temer a concorrência no comando do Império, teve de aceitar que, apesar do expurgo que fizera nas Forças Armadas, ainda ficara com um gênio militar: o marechal Georgi Zhukov. De um simples figurante, o marechal tomara-se a estrela principal do teatro de operações da Grande Guerra Patriótica. Pela segunda vez, ele foi condecorado com a "Ordem de Suvorov".

Depois de Kursk, Stalin passou a ter, no mundo, o mesmo prestígio e respeito de Roosevelt e Churchill. Em todos os países, políti-

cos, intelectuais, cientistas sociais e historiadores se encantavam com a liderança daquele que fizera com que o seu povo, depois de sofrer o que sofreu, chegasse aonde chegou. Pelo nível de crueldade que os nazistas infringiram aos territórios ocupados, nenhum país teria resistido mais do que os seis meses previstos por Hitler.


Depois da guerra, porém, todos puderam saber como Stalin conseguiu aquele milagre. Todos os homens nascidos de 1905 a 1918, foram convocados, uns para o Exército, outros para as fábricas. A lei marcial foi implantada em todo país e os fuzilamentos tornaram-se uma rotina diária, para os derrotistas, os amedrontados e os que recuavam na frente de batalha. A jornada de trabalho passou a ser de 12 horas por dia, fora as horas extras, que não eram pagas, e as folgas, uma em cada dez dias.

Os alemães ocuparam as terras produtivas e se aposaram de quase todo o gado: bovino, suíno e eqüino. O Governo tomou os tratores das fazendas para convertê-los em tanques. Com isso, a produção de alimento atingiu níveis baixíssimos. O

povo começou a passar fome e a sofrer de inanição. Cada cidadão russo passou a viver com uma única roupa, um único calçado, morando em barracões e fazendo rodízio de camas com outras pessoas. Esses barracões estavam sempre cheios de trabalhadores que dormiam esperando a hora de retornar ao serviço. A promiscuidade, a sujeira e as doenças tomavam conta dessas moradias. As necessidades fisiológicas e o sexo eram realizados dentro de um ambiente onde não haviam portas, ocupado por uma

pessoa a cada 1,25 metro quadrado. Era uma imundície total. Aqueles homens e mulheres perderam todos os valores de civilidade; tomaram-se animais. Aos que ficaram nas fazendas e aos operários, foram dadas metas altíssimas de produção. Os que não as alcançavam eram acusados de sabotadores e passavam a trabalhar como escravos em campos de concentração, com muito menos comida. A vida média nesses campos era de três anos e as condenações de dez. Na realidade todos que iam para "Gulag" morriam.

Não há menor dúvida que o povo russo foi o que mais sofreu nesta guerra pois teve de enfrentar Hitler e Stalin. Sem a força desse povo não teríamos vencido o nazismo. A guerra fria impediu que o meu país reconhecesse isso. Hoje, cinquenta anos depois, eu reconheço e digo a vocês: muito obrigado.

Essa frase, dita pelo presidente americano Bill Clinton em Moscou, quando das comemorações dos 50 anos da vitória sobre o nazismo, levou às lágrimas o presidente russo Boris Yeltzin. 

Nota aos Assinantes



A DEFESA NACIONAL

Periodicidade da Revista

A *Defesa Nacional* dispõe de duas fontes de recursos financeiros principais: as assinaturas e a publicidade.

As assinaturas, apesar de permanentemente estimuladas, jamais conseguiram, por si só, atender às necessidades de custeio da revista, enquanto a publicidade, oriunda, sobretudo, de empresas estatais, foi diminuindo sua participação a partir de 1984, até tornar-se crítica com o programa de privatizações governamental em curso. Por sua vez, o ajuste fiscal em andamento tem reduzido a capacidade de apoio que a Biblioteca do Exército sempre lhe tem prestado.

Como decorrência, em face de tais circunstâncias, a periodicidade da revista passa a ser quadrimestral, a partir do corrente ano de 1999 e até que se reequacione o problema de custeio de sua publicação.